

WLADEMIR
DIAS
FINO

OS
CORCUNDAS

**WLADEMIR
DIAS
PINO**

**OS
CORCUNDAS**

Olhem senhoras, esse é o camelô!

Vejam os tamancos
com paisagens
pintadas nas solas,
ou as estréias empalhadas
e que graça, ó senhoras, seus tamborês:
verdes pratos de balanças.

Dai "destino" aos peixes, ó camelô!

Vejam as pálidas cestas
virgens da província vindas,
Senhoras, esse homem que aqui está
já matou sete só para comer as unhas
porém, hoje, é esse pobre camelô
com seus cofres com flores
e unhas, por maior razão, postiças.

O' camelô! . . . que silêncio cola as sombras?

Não é p'ra nos gabá, senhoras,
mas essas simples medalhas infantis
ésses postais lisos de amores
curam males e secam espinhas.

II

Venham tôdas, senhoras,
venham ver os cadeados
 porta-retratos
 e monogramas

Palhaços de corda

Quando o sol não dá mais parte às folhas,
não somente todos e o mais antigos, mas magros-te,
sem ter conta, se reúnem e caminham,
em que vivem um mover de cacótes,
pelos campos

(A)

COGUMELOS

Era opaco mais o círculo
muito mais memória
se agudos funis houvera
com seus asés blindados
por sôbre nós pés em pé.

Por sempre tudo agora
recupera as suas mãos
tudo o que é nó — pedaços —
esses caroços vertebrais
de cego esfaqueado na goela
por desenho do mesmo
e, por perto, saliva vidrada.

Cortixa — insonia de areos,
onde mesas porosas de mão,
é de ser birrugos balançando bobas
na boca desse vento
por antes nunca erçados
entre canhotos — cada um — segredos
contornando: perfil justos
um tanto acorlinados
e são as trombetas dos mortos
suando um zinabre profundo
que é seu esqueleto remoldo,
onde são as raizes dos mortos.

Além disso são pernas (propor),
Como tôdas as vezes, juntas de rês
atravessando a outra face
desse tira sem fim do tempo
ou ainda é mais enroscadas
ombros, que suas rollas de caspas,
após concunias como interrogações
(senão calos arrepiados,
so menos inflamadas orelhas)
sendo dedos armados
ou tantas outras partes deste cor; o
por outras vêzes humano.

Umaz ampulhetas cabeludas, antes de nós,
seria por certo garrafas de náutregos?
nêsse modo mais umbigo,
desse mêdo que se esfarinha
como fare azinhavrado
rescendendo arranhados
nã sei porque unhas.

Uns espantos conjuntos, uns para raios,
outros cansaços, outras antenas,
mais sustos, mais fôlha surda,
sei balança, sei tentas,
de metais apodrecidos,
mas opscu lentes vindas.

Quantas peças espalhadas como folhas,
com que joga o vencedor
nése tabulheiro que são sempre
tantas nossas mãos (plenas).

Que padecidos bucejos negros?
Que gravadas interrogações a nós!

E que noite (ah curva noite!)
Crista negra, suando saliva
pela verdade dentada de calos ússes
com que desenha um segredo,
— trombas, velhas trombas
e a morte nos contando por ússes dedos
(impressões digitais),
suspensos como ilhas.

E por chegar ao fim das coisas, caíva das coisas,
onde não há somente um beco
em que os homens nos rostos trazem ...
mas o envelhecimento do retrato a lápis
êles se reúnem e colhem lilazes que crescem
como o impulso se liberta da forma do músculo
e findam (todos os dias) o mês,
como as rugas findam no meio a pele
e é flexível de raízes seu esqueleto.

(E' de fntre que colhem lilazes
como a experiência arredonda a forma,
e poesia só se entrega às coisas)

Já agora examinam o seu

(A)

T A T O

Pesa

e mais que essa consciência de pesar,
pesa as coisas,
às vezes distantes
— como as palavras esqueletam os lábios —
moles de horizontes —
num vento que dilata a veia
[sobre]
das folhas que já eram antes hálito

Atransperência dessa sede
e que retesa as sombras
como um medo.

Vidro partido de bússola
e tanto que teia inventada
(na asa mais risco que na garra)
com esse cruzar de espantos
como o principio do vôo
enterrando certos fundos
e é uma juba de vento
por certo, asa de inseto,
então, chapéu de centauro,
sangue cicatrizado contanto,
outro gira-sól com sua
móvel geometria como as sombras.

Nuvens beliscando o perfil das coisas.
Trapézio com seus dentes catando.

Já outros lixam sôis de madeira
com provérbios, gravados ao fogo
em suas línguas porosas
de muitos calos e tantos que
mais insônia e mais verniz,
curvos de panos tomando assim
tinta por acertar tais leis
mesmo porque ao crescer é que,
sempre, os cabelos deixam cair
a velhice que fica escorrendo pelas rugas
e outras coisas sem se dar lembranças
ou reparos.

Mas, mais outros há, que servem de
tamanhos alombados sinos ornamentais,
senão, cobras de cortiça, por aproveitar
cinzas que tódas seus dedos
ou tantos colares de olhos,
de que nos dá muita certeza de peixes
vindos, é verdade, dum tempo sul
ou, de certos espinhos, que restam
com que fazem conjuntas flautas
em tamanhos ganho e polidos,
A primeira vista quase satisfeitos

voltam, como obrigação, ao campo
depois de encher seus lábios às costas

- palhaços de corda
- muchilas de cicatrizes líquidas
- redondas oiheiras
- forrar de pálpebras
- mãos dadas
- massiça de fezes de espantalhos

arreiam seus olhos e como doadores de sangue
se nivelam e dormem
aos pés dos cogumelos
(ficando suas sombras)
em ângulos retos borrados
sobre seus travesseiros de ilázes
macios como o tato
(cabelos invisíveis)
e a nuvem que desce forma uma jaula
de manequins tombados.

